

economia

Indústria calçadista tende a buscar normalização em 2027

Abicalçados apresentou perspectivas do segmento nesta semana

/INDÚSTRIA

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

Após ser impactado pela pandemia e pelas sobretaxas aplicadas pelos Estados Unidos sobre produtos importados do Brasil, o setor coureiro-calçadista, que tem no Rio Grande do Sul um dos seus principais polos, finalmente ensaia uma recuperação. É o que projetou a Associação Brasileira das Indústrias e Comércio de Calçados (Abicalçados) nesta quarta-feira, durante a apresentação da análise de cenários do segundo semestre de 2026.

A perspectiva é de que, durante a segunda metade de 2026, aconteça uma desaceleração da queda do volume de pares de calçados produzidos. Já para o primeiro semestre de 2027, a tendência é de crescimento sobre uma base naturalmente baixa, fruto de um período de recessão da atividade calçadista. Portanto, é esperado que essa retomada não seja um avanço setorial, mas um sinal de estabilização e aproximação da normalidade.

A previsão de produção de calçados, divulgada no primeiro semestre, foi revisada levando em consideração uma queda na fabricação nos dois primeiros meses do ano e os desafios apresentados pelo setor. Assim, a Abical-



ABICALÇADOS/DIVULGAÇÃO/JC

Setor tem ampliado mercados pela América Latina

çados estima, agora, que, em um cenário otimista, sejam industrializados, em 2026, 837,3 milhões de pares de calçados e, numa projeção pessimista, 822,9 milhões. Ambos os valores são menores que os registrados em 2025 e 2024. Para 2027, o cenário melhora, sendo esperada a fabricação de 825,1 milhões a 842,6 milhões de pares de calçados.

Entretanto, o cenário ainda é instável, impedindo uma recuperação mais robusta. Conforme aponta o economista Marcos Lélis, a economia dos Estados Unidos segue repleta de incertezas. E, no cenário interno, o especialista aponta uma alta taxa de endividamento atrelada à taxa de juros ainda elevada, reduzindo o poder de compra dos brasileiros, especialmente

na aquisição de produtos relacionados ao crédito.

Esse panorama também tem afetado a indústria calçadista, que enfrenta outros desafios. É o que explica a coordenadora de Inteligência de Mercado da Abicalçados, Priscila Linck. Entre os cenários desafiadores, destaca-se o aumento das importações do Brasil.

“De janeiro a agosto, as importações de pequenas remessas de calçados cresceram praticamente 70% em relação ao mesmo período do ano anterior. Somando isso às importações regulares, dá quase US\$ 900 milhões, que é US\$ 313 milhões a mais do que o setor exportou. Isso significa que, quando olhamos para a estrutura de importação brasileira, o setor é deficitário”, avalia Priscila.

Mercado de trabalho aquecido favorece segmento

Por outro lado, o que sustenta a retomada à normalidade é o mercado de trabalho aquecido, associado à renda média dos brasileiros, que bateu o recorde histórico de R\$ 3.367 em 2025. Entretanto, é digno de nota que os setores econômicos que mais cresceram em 2026 – indústria extrativa e agropecuária – têm menor efeito sobre a distribuição de renda.

Outro aliado da recuperação do setor calçadista tem sido a ampliação de mercados importadores dos produtos brasileiros na América Latina. “A proximidade logística nos favorece nas exportações para esses mercados, tivemos um grande crescimento em diversos países da região”, avalia Priscila.

Entre eles, o maior crescimento ficou a cargo de El Salvador, que

comprou três vezes mais do que o habitual da indústria brasileira. Isso representa um aumento de 201,6% no valor comercializado, comparando o período de janeiro a agosto deste ano em relação ao mesmo período de 2025. Além desse mercado, destacam-se ampliações nas exportações para Bolívia (15,1%), Equador (11,4%), Colômbia (10,1%), Paraguai (10,1%) e Guatemala (5,9%). Outro continente de destaque foi a Oceania, que ampliou o consumo de calçados brasileiros em 26,4%.

No total, entretanto, o cenário foi negativo, com uma redução de 16,8% do valor comercializado. Especialmente, considerando a retração em dois importantes mercados dos produtos brasileiros: os Estados Unidos, que apresentou uma queda

de 22,6%, e a Argentina, com uma redução maior, de 54,6%. No caso dos EUA, as tarifas e as condições econômicas da população explicam os valores. Já no país vizinho do Mercosul, há outras explicações.

“É um reflexo do momento econômico deles, mas tem mudança na origem das importações argentinas. O Brasil perdeu, somente nesse período, 9 pontos percentuais de participação. E a Indonésia compensou isso. Ou seja, a Ásia ganhou mais representatividade e isso é consequência da redução da importação de calçados que aconteceu em 2025. O Brasil já tinha um imposto de importação zerado por ser do Mercosul. Então, foi perdida essa competitividade tarifária em relação à Ásia”, avaliou Priscila.

PMI industrial do Brasil cai a 44,8 pontos em setembro

O índice dos gerentes de compras (PMI) sobre a atividade industrial do Brasil caiu de 46,3 pontos em agosto para 44,8 pontos em setembro, informou a S&P Global nesta quinta-feira. Este foi o quinto recuo consecutivo do indicador, marcando o ritmo de queda mais rápido desde o início de 2020. Com isso, o PMI industrial aprofunda a permanência abaixo de 50 pontos, o que aponta para retração da atividade no setor.

Em nota, a diretora associada de Economia da S&P Global Market Intelligence, Pollyanna De Lima, afirma que setembro foi um mês mais difícil para os fabricantes, com quedas mais acentuadas na produção e nos novos pedidos, diante da demanda mais fraca, concorrência elevada e incerteza às vésperas das eleições presidenciais. Segundo ela, as empresas reagiram cortando compras e estoques para proteger o fluxo de caixa.

Ao mesmo tempo, as pressões sobre os custos se intensificaram, com materiais importados e transporte internacional sendo relatados como mais caros.

“No entanto, com as vendas em queda e a concorrência continuando acirrada, os fabricantes não conseguiram repassar integralmente esses aumentos aos clientes”, destaca Pollyanna. Por outro lado, Pollyanna ressalta que as empresas ainda se mostram mais otimistas em relação às expectativas para o próximo ano, impulsionadas pela expectativa de alguma

melhora nas condições de mercado após as eleições.

O índice de gerentes de compras (PMI, na sigla em inglês) do setor industrial dos EUA subiu de 53,9 em agosto para 55,9 em setembro, segundo pesquisa final divulgada nesta quinta-feira, 1º de outubro, pela S&P Global.

O resultado, porém, ficou abaixo da leitura preliminar e do consenso da FactSet, ambos de 57,0.

Já o índice de gerentes de compras do setor industrial da Alemanha caiu de 54,3 em agosto para 53,9 em setembro, segundo dados finais divulgados pela S&P Global em parceria com o Hamburg Commercial Bank.

O resultado, porém, ficou acima da leitura preliminar e do consenso da FactSet, de 53,8 em ambos os casos. Leituras acima de 50 indicam expansão da atividade.

No Reino Unido, o PMI do setor industrial subiu de 51,7 em agosto para 51,9 em setembro. O resultado, porém, ficou abaixo da leitura preliminar e do consenso da FactSet, ambos de 52,0. Leituras acima de 50 indicam expansão da atividade.

Já o PMI do setor industrial da zona do euro subiu de 52,7 em agosto para 52,9 em setembro, atingindo o maior nível em 52 meses, segundo dados finais divulgados hoje pela S&P Global. O resultado ficou acima da leitura preliminar e do consenso da FactSet, ambos de 52,7.

Leituras acima de 50 indicam expansão da atividade econômica.



TÂNIA MEINERZ/JC

Leituras acima de 50 indicam expansão da atividade econômica